

PADRÕES DE USO DO LOCATIVO *AÍ* NO PORTUGUÊS ESCRITO DO SÉCULO XVIII AO XX

USAGE PATTERNS OF THE LOCATIVE "THERE" IN PORTUGUESE WRITING OF THE EIGHTEENTH CENTURY TO THE TWENTIETH

Mariangela Rios de Oliveira
Universidade Federal Fluminense

Rodrigo da Costa Barcellos
Professor do Ensino Médio do Rio de Janeiro

RESUMO: Este artigo tem como objetivo levantar, descrever e analisar os padrões de uso, em termos de sentido e de ordenação, do locativo “aí” em dramaturgias dos séculos XVIII ao XX. A definição desse objeto de estudo deve-se à alta frequência com que é utilizado, além de sua mudança categorial de advérbio para conector, detectada em alguns contextos. A análise é realizada com base em quatro variáveis: ordenação, referência, foricidade e *frame*. Para tal, lança-se mão dos estudos funcionalistas na vertente norte-americana, segundo os quais itens lexicais passam por processo de gramaticalização, isto é, em determinados contextos linguísticos, servem a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais (HEINE; KUTEVA, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: Locativo; Funcionalismo; Ordenação; Gramaticalização.

ABSTRACT: This article aims at describing and analyzing usage patterns of the locative "there", in terms of meaning and order, in the dramaturgy of the eighteenth century. This focus is due to the high frequency this locative is used and also because of its categorical change from adverb to connector, as found in some contexts. The analysis is based on four variables: ordering, referring, phoricity and frame. To accomplish this task, we use North American functionalist studies, according to which lexical items undergo the process of grammaticalization, that is, in certain linguistic contexts, they have grammatical functions, and once grammaticalized, continue to develop new grammatical functions (HEINE; KUTEVA, 2007).

KEYWORDS: Locative; Functionalism; Ordering; Grammaticalization.

INTRODUÇÃO

Trazemos aqui os resultados de uma pesquisa maior, que se dedica à análise interpretativa dos padrões funcionais que marcam o uso dos pronomes adverbiais locativos *aí*, *ali*, *aqui*, *cá* e *lá*, bem como sua expressão aglutinada à preposição *de*, nas formações *daí*, *dali* e *daqui*, em textos de peças teatrais de língua portuguesa dos séculos XVIII ao XX, conforme se encontra em Barcellos (2011) e Oliveira (2008; 2009), entre outros. Trata-se de um conjunto de investigações empreendidas no âmbito do Grupo de Estudos *Discurso & Gramática*, em torno da polissemia, da ordenação e da mudança gramatical de adverbiais no português. Neste artigo, voltamo-nos especificamente para um desses locativos, o *aí*, em contexto pragmático-discursivo também específico, as peças teatrais.

Tomamos como fundamento pressupostos teóricos funcionalistas (BYBEE, 2010; HEINE; KUTEVA, 2007; TRAUGOTT; DASHER, 2005), segundo os quais os padrões de uso linguístico são resultantes de convencionalização motivada por pressões de ordem cognitiva e discursivo-pragmática, considerando-se ainda fatores de frequência e de estrutura. Também conforme os autores referidos, categorização prototípica e gradiência são entendidas como traços constitutivos dos níveis gramaticais da língua, no sentido de que as classes morfossintáticas não

são discretas e nitidamente definidas, apresentando pontos de interseção categorial e difusão funcional.

Temos como hipótese que o uso do locativo *aí* tende ao posicionamento pós-verbal no português contemporâneo, principalmente na função prototípica de advérbio, isto é, com referência mais concreta, relativa a espaços delimitados, conforme Oliveira (2007; 2008). Por outro lado, como conector, *aí*, em início de oração, guardaria resquícios da ordenação mais antiga dos advérbios na história do português, a pré-verbal. Assumimos também que os padrões de uso de *aí* têm relação com o contexto discursivo em que é articulado, concorrendo principalmente para as tendências de sua referência e enquadramento (ou *frame*). Essa segunda hipótese, por se vincular ao tipo de texto em elaboração, não se restringe a uma sincronia específica, perpassando os três séculos pesquisados – XVIII, XIX e XX.

A escolha do gênero dramaturgia deve-se a traços específicos que o marcam e, nesse sentido, motivam a seleção e o uso de categorias gramaticais mais específicas, como nosso objeto de análise. Textos dramáticos tendem à articulação de referência física concreta, com o uso de referência exofórica ou dêitica, em torno de cláusulas de *frame* espacial. Em termos de registro, trata-se de fontes em que detectamos usos mais formais e outros mais informais, estes últimos principalmente no discurso direto de personagens populares. Usos de *aí* como conector tendem a ser motivados justamente nesses ambientes discursivos mais informais das peças teatrais.

Este artigo divide-se em quatro seções. Na primeira, apresentamos a fundamentação teórica assim como os mecanismos de gramaticalização envolvidos no uso do locativo *aí*. Na segunda seção, apresentamos os *corpora* em análise e discutimos a natureza das fontes que utilizamos; listamos e descrevemos, ainda, nesta seção, a metodologia e os fatores usados para a classificação dos dados, quais sejam: ordenação, referência, foricidade e *frame*. Na terceira seção, procedemos efetivamente à análise, com a apresentação dos dados pelos séculos XVIII ao XX, respectivamente, de acordo com os quatro fatores selecionados. Na última seção, com base nos resultados obtidos, tecemos algumas considerações gerais sobre o uso do referido locativo no gênero dramaturgia, com destaque para o que se revela como estabilidade, na caracterização constitutiva do gênero, e como mudança, na captação de trajetórias de polissemia e possível gramaticalização.

1. Fundamentação teórica e mecanismos de gramaticalização

A teoria funcionalista, de acordo com Heine e Kuteva (2007), entre outros, compreende a língua como um instrumento de comunicação na situação social, e considera que os usos linguísticos não podem ser vistos como fenômenos autônomos. Assim, a língua é entendida como uma estrutura parcialmente estável, submetida a pressões extralinguísticas e também linguísticas, integrada por níveis mais ou menos icônicos ou arbitrários de articulação.

O foco de interesse da pesquisa de ordem funcionalista, desse modo, encontra-se no uso, tendo as condições de produção papel central. Depreende-se a estrutura gramatical como efeito ou resultado da situação comunicativa como um todo: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto pragmático-discursivo, levando-se ainda em consideração questões de ordem estrutural, como as relativas à ordem linear dos constituintes e sua natureza gramatical. Desse modo, de acordo com tendência atual dos estudos funcionalistas (BYBEE, 2010; TRAUGOTT, 2008), consideramos a organização estrutural como parcialmente estável, e, portanto, a gramática como formada por níveis de maior ou menor motivação discursivo-pragmática. Assim, a ordenação sintática é resultante de motivações icônicas e pressões estruturais, daí sua relativa maleabilidade.

Fundamentamo-nos também em Hopper (1991), no que diz respeito aos princípios de *camadas* e *divergência*. Trata-se de dois fenômenos associados ao processo de gramaticalização, considerados característicos de estágios iniciais de mudança categorial. O primeiro princípio refere-se ao fato de que uma língua pode ter mais de uma forma linguística para desempenhar

funções semelhantes, sendo, nesses casos, importante registrar que a forma nova não implica o desaparecimento da forma já existente (FURTADO DA CUNHA *et alii*, 2003). Camadas são conseqüentes do fato de que é muito comum uma língua ter disponíveis mais de uma forma para desempenhar funções similares, incluindo-se neste conjunto os modos de organização sintática.

No caso da *divergência*, tem-se um conjunto de formas com a mesma etimologia, porém desempenhando funções distintas. Esses novos usos não implicam o desaparecimento do uso primário. Vale apontar que a divergência está associada ao conceito de *inferência sugerida* (TRAUGOTT; DASHER, 2005), segundo o qual locutores derivam sentidos mais abstratos ou complexos, a partir de combinações semânticas mais primárias, no intuito de atuar sobre seus interlocutores. Para tanto, lançam mão de termos de sentido mais referencial, no plano do léxico, para dar conta de sentidos mais lógicos ou pragmaticamente condicionados, no plano da gramática ou do discurso. Logo, inovações e mudanças linguísticas ocorrem por escolhas estratégicas feitas pelos emissores (falantes e escritores) e pelas negociações com seus receptores (ouvintes e leitores).

A assunção da inferência sugerida nos conduz aos conceitos de *metáfora* e *metonímia*. Para o funcionalismo, esses processos têm relação com a emergência da gramática, referindo-se a mecanismos participantes das mudanças ocorridas nas produções linguísticas cotidianas dos falantes, conforme postulam Traugott e Dasher (2005). Determinados usos, em contextos específicos (metonímia), adquirem força expressiva, de tal maneira que, muitas vezes, são reinterpretados (metáfora) por conta justamente do ambiente em que ocorrem. Por essa razão, os referidos autores consideram a metaforização como conseqüente da metonimização. Nesse processo, usos fonte perdem sentido mais referencial, em prol da articulação de sentidos vinculados ao plano gramatical ou pragmático. Trata-se da tomada de velhas formas para novas funções.

No caso dos advérbios, é clássica a trajetória que registra sua migração para categoria mais gramatical. Trata-se de tendência translingüística, alicerçada na teoria localista (BATORÉO, 2000; TRAUGOTT; HEINE, 2003), que defende a derivação semântica *espaço > tempo > texto* como uma das motivações da gramaticalização. Assim, do sentido espacial (Ele está *aí* na sala), derivamos o temporal (Ele chega *aí* pelas três da tarde) e o textual (Ele chegou atrasado, *aí* perdeu a prova). No terceiro uso, o textual, como conector, em relação aos demais, o espacial e o temporal, ocorre gramaticalização, nos termos de Traugott e Heine (2003), uma vez que detectamos a mudança categorial de advérbio para conector.

Cumpramos observar ainda que os advérbios, nesse viés, não são considerados como unidades discretas, pertencentes a uma única categoria. Assim, durante o levantamento, foram encontradas estruturas que não se inserem mais nas categorias adverbiais – pelo menos de forma prototípica –, tais como *a partir daí*. Esses arranjos são interpretados por nós como unidades pré-fabricadas (UPF), conforme a proposta de Erman e Warren (2000). De acordo com as autoras, UPF definem-se como convencionalizações de seqüências de palavras, em que pelo menos um dos constituintes não pode ser trocado; assim, *a partir daí* é entendida como uma UPF, um todo de forma e sentido, uma expressão indecomponível na referência a um marco textual.

Em relação a estudos funcionalistas a respeito dos usos de *aí* e sua gramaticalização, vale destacar a pesquisa de Tavares (1999; 2003; 2009). Nesses estudos, a autora tem destacado a variabilidade e a mudança linguística que marcam tais usos, no destaque dos processos de metaforização e metonimização *aí* envolvidos.

2. Seleção e tratamento dos *corpora*

Tomamos como *corpora* textos representativos da dramaturgia portuguesa e brasileira. Trata-se de textos cômicos e tragicômicos, em que o tom crítico a aspectos histórico-culturais se destaca, envolvendo personagens simples e populares. Ademais, são textos escritos com a finalidade de serem encenados por atores que representam situações reais. Devido às marcas

discursivas desse gênero, consideramos que os dados levantados podem se aproximar do que seriam os usos de fala da época em que tais textos foram produzidos.

Foram selecionadas, do século XVIII, oito peças populares e uma peça do dramaturgo Antonio José da Silva, judeu nascido no Brasil e residente em Portugal; seis peças do século XIX: três do lusitano Almeida Garret, escritas na metade do século, e outras três do brasileiro Martins Pena, no início do século; e, do século XX: três de Nelson Rodrigues e uma de Sergio Sant'anna.

A seguir, vêm discriminadas as peças utilizadas neste artigo, com as siglas adotadas ao apresentar os dados:

➤ Século XVIII:

• De Antonio José da Silva – *Guerras do Alecrim e da Manjerona* (GAM);

• Peças populares (entremezes) – *Entremez famoso do Frade presumido*, *Novo Entremez intitulado A Escola de Amor*, *Novo Entremez intitulado As Loucuras da velhice*, *Novo Entremez intitulado O Estudante bazofo e desgraçado*, *Novo Entremez intitulado O Casamento sem esperança de Dous Velhos*, *Novo Entremez intitulado Dezenhanos para os homens nam se fiarem em mulheres*, *Novo e Divertido Entremez intitulado A Grande Desordem de huma Velha com hum Peralta*, *Novo e Gracioso Entremez intitulado Novas Indústrias de Amor proveitosas aos amantes* (Etmz).

➤ Século XIX:

• De Almeida Garrett – *Falar Verdade a Mentir* (FVM), *As Prophecias do Bandarra* (PB) e *Camões do Rocio* (CR);

• De Martins Pena – *O Noviço* (Nov), *O Juiz da Paz da Roça* (JPR) e *Quem Casa, Quer Casa* (QC).

➤ Século XX:

• De Nelson Rodrigues – *Vestido de Noiva* (VN), *Viúva, porém honesta* (VPH) e *Anti-Nelson Rodrigues* (ANR);

• de Sergio Sant'anna – *O Romance de Geração* (RG).

No tratamento desses dados, trabalhamos com quatro fatores. Salientamos que somente selecionamos os objetos em análise em cláusulas verbais, uma vez que a ordenação em relação ao verbo foi nosso ponto de partida para coleta e análise dos dados. Destacamos ainda que os quatro fatores foram aplicados a todos os dados indistintamente, sem levar em conta a funcionalidade mais específica de *aí*, se advérbio ou conector. O primeiro dos fatores refere-se, justamente, à ordenação dos locativos em relação ao verbo. Por esse fator, testamos se, de fato, do século XVIII ao século XX, os pronomes adverbiais exibiam maior tendência ao posicionamento pós-verbal, a fim de comprovar a nossa hipótese. Em termos de ordenação, classificamos os dados em análise em cinco posições: três pré-verbais (P1, P2 e P3) e duas pós-verbais (P4 e P5). A seguir, apresentamos e ilustramos, com dados dos *corpora*, as cinco ordenações trabalhadas; destacamos que X é um constituinte ou grupo de constituintes inserido entre o advérbio e o verbo, ou vice-versa:

a) P1: sujeito + advérbio + verbo

(1) Elles *ahi* vêm: entra depressa, esconde-te. (FVM, p.06 / séc. XIX)

b) P2: advérbio + verbo

(2) Mas espera; olha, *ahi* vem a senhora D. Amalia (FVM, p. 03 / séc. XIX)

c) P3: advérbio + X + verbo

(3) Isso *aí* tudo era eu que tinha de falar... (RG, p. 25 / séc. XX)

d) P4: verbo + advérbio

(4) D. CLÓRIS – Põe *aí* [no colo] cinquenta molhos (GAM, p 57 / séc. XVIII)

e) P5: verbo + X + advérbio

(5) Deu vontade de passar uma vassoura por *aí*, arrumar tudo, dá um banho nele. (RG, p.88 / séc. XX)

O segundo fator trabalhado diz respeito à dimensão semântica. Verificamos a polissemia dos pronomes locativos, com base na trajetória de derivação *espaço > tempo > texto*. Assim, classificamos os dados em análise em quatro grupos: o físico concreto (FC) refere-se ao espaço delimitado, em que se pode apontar ou dar medidas exatas, como a localização *debaixo da janela da cozinha* em (6); ao contrário do físico virtual (FV), em que o espaço é menos delimitado, por ser mais indefinido, conforme se observa em (7). O abstrato temporal (ATp) refere-se ao sentido mais polissêmico do advérbio, transitando já da referência locativa para a de tempo. E abstrato textual (ATx) é a comprovação da mudança categorial, quando o advérbio deixa de ser um circunstanciador para assumir função conectiva. Os trechos (8) e (9) ilustram, respectivamente, os dois últimos conjuntos referidos:

(6) Fagundes: Pois espere-me *aí* [*debaixo da janela da cozinha*], que eu lhe direi o que há na matéria. (GAM, p. 07 / séc. XVIII)

(7) OSWALDINHO – Vou arranjar um aumento *aí* pra você. Já sei. Meu assessor. (ANR, p. 485 / séc. XX)

(8) Porque foi *aí* – *logo depois* da minha maior perda – que eu tive a ideia luminosa. (RG, p. 33 / séc. XX)

(9) FLORENCIA — E *aí* encontrei-me banhada em lágrimas. (Nov, p. / séc. XIX)

Em (8), o item locativo, relacionado ao sintagma adverbial *logo depois*, estabelece um marco temporal que delimita o ponto em que a personagem teve a ideia. Já em (9) o grau de abstratização é maior, uma vez que o constituinte *aí*, por conta do trecho em que é articulado, admite a leitura como elemento de conexão sequencial, principalmente por vir seguido da conjunção aditiva *e*.

Há, ainda, a categoria intermediária (CI), outro fator relevante que observamos, que diz respeito à presença de alguns advérbios que oscilam entre o Físico concreto e o Físico virtual, ou do Físico virtual para o Abstrato textual conforme detectamos em (10):

(10) MÃE –(agressiva) Então vou entregar o caso à polícia. *Aí* quero ver. (VN, p. 385 / séc. XX)

No exemplo acima, o uso de *aí* não fica bem delimitado no contexto da obra, o que enseja dúvida no momento de definirmos a referenciação. Não fica claro se o advérbio faz referência a um local vago, ao momento da fala ou se é um sequenciador. Interpretamos essa ambiguidade funcional da CI como consequente da atuação da inferência sugerida, como referida na seção anterior, como polissemia resultante de pressões no plano metonímico.

O terceiro fator classifica o locativo em exofóricos (Exo) ou endofóricos. No segundo caso, verifica-se, ainda, se o locativo registra conexão anafórica (Ana) ou catafórica (Cata). Os exemplos abaixo ilustram tais conexões na ordem apresentada aqui:

(11) Dr. J.B. – (...) Venha cá, minha filha, vem cá. Senta *aí*... (VPH, p. 452 / séc. XX)

(12) aquela alcôva... e tem uma porta que dá direita na escada... Eles *abi* vêm: entra depressa, esconde-te. (Nov, p. 06 / séc. XIX)

(13) Tiburcio. Anda para alli ladrão, senta-te *abi* nesse banco. (Senta-se a escrever). (GAM, p. 22 / séc. XVIII)

O último fator tem fundamento cognitivo, uma vez que classifica o *frame* em que o locativo *aí* é usado. Na investigação desse fator, ampliamos a análise para toda a oração, levando em conta ainda a sequência tipológica e a cena comunicativa. No caso do locativo em destaque, quanto mais essa cena tem a ver com uma situação espacial e física, menos favorecedora à gramaticalização, uma vez que o enquadre espacial favorece a articulação do sentido espacial e da

função circunstanciadora de *aí*. Classificamos o locativo em espacial (Esp) ou não-espacial (Não-esp), conforme registrados nos exemplos (14) e (15):

(14) MÃE – Você ainda está *aí* [no quarto]? Todo mundo já desceu! (VN, p.375 /séc. XX)

(15) D. LAURA –(maliciosa) Qual o quê! Está *aí*, não acredito! Tão moça, tão cheia de vida (VN, p. 374 / séc. XX)

Em (14) o locativo *aí* tem sentido espacial pela referência a *no quarto* e pelo tipo de verbo estativo que escopa, que indica permanência em um determinado lugar. Diferente funcionalidade tem-se em (15), em que *aí* se encontra integrado ao verbo *estar*, que tem outro valor, indicando certa ênfase na afirmação dita anteriormente.

3. Padrões de uso do locativo *aí*

Nesta seção, apresentamos os resultados obtidos por meio do levantamento exaustivo do locativo *aí* nas obras pesquisadas, combinando o viés qualitativo e o quantitativo. Para tanto, a seção é dividida em quatro subseções, relacionadas aos fatores em análise, que buscam apresentar os padrões de uso de *aí* nos três séculos, a partir da variável estrutural – a ordenação em relação ao verbo. A ordenação é, desse modo, a base ou o ponto de partida para a detecção de trajetórias semântica e categorial de *aí*. Com base nessa variável, investigamos os *clines* de polissemia e gramaticalização do item referido. Conforme já destacamos, nosso objetivo é o levantamento exaustivo das ocorrências de *aí* nas peças pesquisadas, independentemente da funcionalidade de que é revestido – se adverbial ou conectora.

Das tabelas que integram esta seção, somente a primeira refere-se à ordenação distribuída pelos séculos XVIII ao XX. Nas demais, que investigam os outros fatores, os dados são apresentados sem levar em conta os séculos, mas somente a ordenação, uma vez que a distinção temporal não se mostrou relevante para referenciação, foricidade e *frame*. Nas tabelas, os dados percentuais são lidos horizontalmente.

3.1. Ordenação: análise estrutural do locativo

A Tabela 1, apresentada a seguir, refere-se ao primeiro fator em análise, com a distribuição dos locativos pelos tipos de ordenação em relação ao verbo. Retomamos a designação das posições levantadas:

Pré-verbais:

P1 = sujeito + advérbio + verbo

P2 = advérbio + advérbio

P3 = advérbio + X + verbo

Pós-verbais:

P4 = verbo + advérbio

P5 = verbo + X + advérbio

POSIÇÃO DO VERBO	PRÉ-VERBAL						PÓS-VERBAL				Total	
	P1		P2		P3		P4		P5			
XVIII	03	5,45%	20	36,36%	02	3,63%	29	52,72%	01	1,81%	5	100%
XIX	08	10,81%	38	51,35%	03	4,05%	22	29,72%	03	4,05%	4	100%
XX	00	0%	08	10%	19	23,75%	50	62,5%	03	3,75%	80	100%
Total	11		66		24		101		07		209	
	101						108					

Tabela 1: Ordenação do locativo *ai* nos três séculos

O primeiro aspecto que ressaltamos, pela observação geral da Tabela 1, é a tendência, ainda que sutil, da ordenação pós-verbal do locativo *ai* em duas sincronias – século XVIII e XX, enquanto no século XVIII prevalece a ordenação pré-verbal, com 51,35% dos usos de *ai* em P2. Se, à primeira vista, tal resultado poderia se configurar como surpreendente ou inusitado, o exame mais apurado dos contextos de uso é capaz de apontar a motivação para tais padrões.

No século XIX, a maior frequência de ordenação pré-verbal ocorre por conta da articulação de um tipo de UPF muito comum nos textos de dramaturgia, que assume a configuração *ai* + verbo. Trata-se de um tipo de expressão que é muito recorrente como artifício para a chamada de um personagem à cena, como em:

(16) Um dos rapazes que *abi* vem almoçar é que me hade servir de padrinho. (FVM, p.14 / P2 / séc. XIX)

(17) CARLOS — *Ai* vem ele. (Nov, p.14 / P2 / séc. XIX)

Assim, consideramos que em (16) e (17) os personagens anunciam a entrada de outros personagens que entrarão em cena, indício de uma UPF típica desse tipo de discurso e da modalidade falada – *ai vem*.

Cabe ainda ressaltar que a anteposição de *ai* também é indício de seu processo de gramaticalização, colocando-se antes do verbo, para, em seguida, atuar como conector. Embora no século XX os casos de ordenação pré-verbal de *ai* sejam menores face aos outros dois séculos, como atesta a Tabela 1, o que mais significativo é que, em sua grande maioria, surgem como elementos de articulação textual, como observamos em (18):

(18) FLORÊNCIA — E *ai* encontraste-me banhada em lágrimas. (Nov, p.37 / P2 / séc. XIX)

Se, no século XIX, o *ai* assume posição pré-verbal por conta da alta frequência de padrões verbais mais fixos, próprios do texto dramático, nos séculos XVIII e XX, a posição não-marcada é a pós-verbal. Nesses contextos, o elevado número de dados em posição P4 se deve ao pronome funcionar em sua classe prototípica adverbial, ou seja, posposto ao verbo e com referência espacial. A tendência pós-verbal, que se destaca mais ainda nos usos contemporâneos do século XX, vai ao encontro dos resultados de outras pesquisas sobre ordenação de advérbios do português, como a de Martelotta (2006), que constata a tendência de os advérbios prototípicos se posicionarem após o elemento verbal na trajetória da língua. Os dois próximos dados ilustram nosso comentário:

(19) PEDRO –(jovial) D. Lígia está indignada. Me disse que vocês se trancaram *ai* [no quarto] e não deixam ninguém entrar. (VN, p.372 / P4 / séc. XX)

(20) ELE: (...) Você quer saber o motivo por que eu escrevo, então grava *ai* [no gravador]: é pra comer as mulheres, pra elas gostarem de mim. (RG, p.15 / P4 /séc. XX)

Em ambos os casos, o pronome apresenta uso prototípico adverbial, ou seja, contíguo ao verbo e com função locativa, ainda que em (20) a referência locativa remeta-se a *no gravador*.

Em relação à posição marcada P3 – com número de ocorrências significativas no século XX – interpretamos que seja motivada pela articulação de construções gramaticalizadas específicas, como discutimos adiante.

3.2. Referenciação: análise semântica do locativo

Nesta seção, apresentamos e discutimos os dados da Tabela 2, que traz o levantamento acerca do segundo fator de análise: a polissemia dos locativos. Retomamos aqui as siglas usadas na referida tabela:

FC = Físico Concreto

FV = Físico Virtual

ATp = Abstrato Temporal

ATx = Abstrato Textual

CI = Categoria intermediária

Referenciação	P1		P2		P3		P4		P5		Total	
FC	02	5,40%	05	13,51%	01	2,70%	28	75,67%	01	2,70%	37	100%
FV	07	5,46%	54	42,18%	05	3,90%	57	44,53%	05	3,90%	128	100%
ATp	00	0%	01	33,33%	01	33,33%	01	33,33%	00	0%	03	100%
ATx	00	0%	04	19,04%	13	61,90%	04	19,04%	00	0%	21	100%
CI	02	10%	02	10%	04	20%	11	55%	01	5%	20	100%
Total	11		66		24		101		07		209	

Tabela 2: Referenciação do locativo *aí* a partir da ordenação

Como podemos observar pela tabela aqui trazida, dos 209 dados gerais, 128 articulam referência virtual, demonstrando a tendência à abstratização de sentidos articulada por *aí*. Portanto, em mais de 50% dos dados, prevalecem referências que se afastam do eixo prototípico dos locativos. Tal eixo mais básico e padrão de referência FC é apresentado por intermédio dos fragmentos a seguir:

(21) Anna - Dê cá (Tomando o embrulho). Deixe-me ir guardar isto onde hade ser preciso. E esteja *ahi* quieto que eu vou chamar a menina. (PB, p.46 / P4 / FC / séc. XIX)

(22) HELE NICE – Dr. Salim, o patrão da Joice está *aí* [no portão]! (ANR, p.505 / P4 / FC / séc. XX)

Como observamos, o pronome *aí* se apresenta prototípico, ou seja, pós-verbal em P4 e com função locativa bem delimitada (FC), em ambos os fragmentos. O dado (21) evidencia o local da cena, a saber, a sala da casa; enquanto o dado (22) faz referência a *no portão*.

Contudo é a referência FV – em que se configura espaço mais indefinido e vago – que lidera o número de ocorrências, como mencionamos. O fato de haver maior inclinação para as posições imediatamente junto ao verbo já era esperado, mas não a sua concorrência entre FC e FV. A posição antes do verbo (P2) apresenta 54 dados, enquanto a posição pós-verbal (P4), 57 ocorrências. Seguem-se os exemplos:

(23) *Aí* chegam os amigos. (QC, p.73 / P2 / FV / séc. XIX)

(24) TEREZA (assombrada) – Que é que você está fazendo *aí*? (VPH, p. 473 / P4 / FV / séc. XX)

(25) ALAÍDE – Ele vem *aí*! Digam que eu não sou daqui! (VN, p.351 / P4 / FV / séc. XX)

(26) JUCA, da janela — Primo, *aí* vem ele! (Nov, p.21 / P2 / FV / séc. XIX)

(27) Sevadilha: *Vá-se daí*, malcriado, aleivoso, maligno; (GAM, p.33 / P4 / FV / séc. XIX)

Os cinco exemplos anteriores são relevantes, pois evidenciam o motivo pelo qual o pronome, com referência FV, concorre em P2 e em P4. O dado (23) serve apenas para indicar a entrada da personagem, por isso o foco no pronome na posição pré-verbal; diferentemente do que ocorre em (24), em que a cláusula se encontra na ordem direta, deixando a circunstância locativa ao final, em posição pós-verbal.

Consideramos, entretanto, que a grande ocorrência de dados nas posições contíguas ao verbo e com função FV deve-se ao grande uso das expressões *vem aí* (25) e *aí vem* (26). As duas construções ocorrem nos textos de todos os séculos como marca para a entrada de um personagem em cena. Trata-se de uso recorrente nas peças do século XIX, caracterizando uma UPF muito comum no gênero textual em análise. O número de ocorrências FV, portanto, deve-se, provavelmente, a termos *crystalizados*, isto é, termos semanticamente mais integrados do ponto de vista semântico-sintático. Ambas as expressões nos remetem ao princípio de camadas, em que formas competem na articulação de sentidos similares. Assim, *vem aí* e *aí vem* configuram-se como alternativas para o anúncio da entrada de personagens em cena, num tipo de papel também passível de cumprimento por *chegou*, *aqui está*, *eis aqui*, entre outras.

Esses comentários podem ser feitos também em relação aos significativos casos de CI (20 ocorrências). Como já assinalamos, pertencem à CI os dados em que detectamos sobreposição de sentidos, em que não se pode identificar com maior precisão o sentido de *aí* ou mesmo sua classe gramatical. Os dados (28) e (29) ilustram a referência híbrida de CI:

(28) *aquella alcôva... e tem uma porta que dá direita na escada... Elles *abi* vêm: entra depressa, esconde-te.* (FVM, p.06 / P1 / FC<FV / séc. XIX)

(29) ELE: *Espera *aí* que é agora que eu vou entrar. A Geração de 64, ponto. No teatro...* (RG, p. 81 / P4 / FC>FV / séc. XX)

O dado (28) possui referência complexa, já que há um lugar definido antes do pronome, constituído pelos termos *aquella alcôva* e *uma porta*. Nesse trecho, o personagem instrui um outro acerca da direção a se tomar e, em seguida, avisa que outros personagens entrarão em cena. Não fica claro, portanto, se o pronome retoma anaforicamente *aquella alcôva* ou um outro lugar não mencionado anteriormente. Complexidade similar ocorre no fragmento apresentado em (29), em que se admitem duas leituras: *aí* pode ter o sentido prototípico de que a personagem deva permanecer no lugar onde se encontra; ou uso mais convencionalizado, na formação da expressão *Espera aí*, funcionando como uma UPF equivalente ao sentido de *Preste atenção*.

Quanto às ocorrências de referência ATp, foram registrados apenas três casos, distribuídos em P2, P3 e P4. Em se tratando da referência ATx, registrou-se número significativo de dados (21), principalmente em P3 (ordem marcada). Fato é que a maioria dos casos em que *aí* apresenta referência ATx aparece nos textos de Sergio Sant'anna, no século XX. Por agora, ressalta-se que só foram encontradas duas na dramaturgia brasileira do século XIX. O dado (30) apresenta um caso de ATp, e o (31), de ATx:

(30) *Lazaro - De madrugada muito cedo. Até *abi* sei eu.* (PB, p.56 / P2 / ATp/séc. XIX)

(31) *CARLOS - Fugi do convento, e *aí* vêm eles atrás de mim.* (Nov, p.7 / P2 / ATx / séc. XIX)

Ambos os fragmentos acima confirmam o que foi proposto nos estudos de Batoréo (2000) e Traugott e Heine (2003) acerca da gramaticalização, que parte da trajetória polissêmica espaço > tempo > texto, isto é, um percurso do concreto ao mais abstrato. Em (30) o pronome *abi* retoma a oração *De madrugada muito cedo*, ou seja, faz-se referência temporal; enquanto em (31)

observa-se que o locativo *aí*, motivado pelo conector *e*, assume função distinta na cláusula, configurando expressão de valor textual, e não mais de valor locativo. Assim, constatamos que, embora a forma permaneça a mesma, o sentido do locativo se modifica e, em alguns casos, a classe gramatical também.

Essa evidência confirma o princípio de divergência, em que uma forma surge com duas funções diferentes, por conta de processo gerador de polissemia, ou seja, da articulação de novas funções com o aproveitamento de antigas formas. São extensões de sentido como as aqui apresentadas que motivam trajetórias de gramaticalização. De qualquer modo, o uso divergente de *aí* confirma o que Paiva (2003) e Tavares (1999; 2003; 2009) defendem quanto ao papel do encadeamento dêitico e da gramaticalização do *aí* de advérbio para conector. Conforme constata Paiva (2003: 141), os pronomes locativos no português “se submetem a um processo de dissociação entre a dêixis e a foricidade”, de tal sorte que têm enfraquecido seu papel referencial de espaço em prol da articulação de sentidos fóricos, funcionando como articuladores de natureza regressiva ou progressiva.

3.3. Foricidade: análise textual do locativo

Pesquisamos *aí* também em termos das relações dêiticas e fóricas que poderia articular. A Tabela 3 ilustra o levantamento a partir da função textual assumida pelo referido item, no apontamento para o ambiente externo (exofórico) ou interno ao texto (endofórico), subdividido, nesta segunda categoria, em função anafórica ou catafórica:

Foricidade	P1		P2		P3		P4		P5		Total	
	03	11,11%	07	25,92%	01	3,70%	16	59,25%	00	0%	27	100%
Anafórico	03	11,11%	07	25,92%	01	3,70%	16	59,25%	00	0%	27	100%
Catafórico	00	0%	01	10%	01	10%	07	70%	01	10%	10	100%
Exofórico	08	4,65%	58	33,72%	22	12,79%	78	45,34%	06	3,48%	172	100%
Total	11		66		24		101		07		209	

Tabela 3: Foricidade do locativo *aí* a partir da ordenação

Inicialmente, o que detectamos é um panorama regular, com grande ocorrência de dados de remissão exofórica, principalmente nas posições contíguas ao verbo. Dos 209 dados, 172 apontam para fora do ambiente textual. Os três exemplos a seguir ilustram a evidência:

(32) Um dos rapazes que *ahi* vem almoçar é que me hade servir de padrinho. (FVM, p. 14 / P2 / Exo / séc. XIX)

(33) Semicúpio: Ai, que é D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroso. Quem está *ai*? Fale, quando não despeça-se desta vida que o mando para a outra. (GAM, p. 18 / P4 / Exo / séc. XVIII)

(34) Dr. J.B. – (...) Venha cá, minha filha, vem cá. Senta *aí*... (VPH, p.452 / P4 / Exo / séc. XX)

Com base nesses dados, constatamos que a grande ocorrência de referência exofórica se deve ao que já foi dito acerca da construção *aí vem*, tal como ocorre em (32). Em casos desse tipo, ainda há a noção dêitica no locativo, contudo esvaziada de sentido, pois não se faz referência a um local determinado, físico, conforme observamos também em (33) e (34). O personagem do fragmento (33) ouve vozes, porém não sabe de onde essas vozes vêm; e em (34), a personagem chama o outro para perto de si por meio da expressão *vem cá*, mas manda sentar em outro espaço, desconhecido (*aí*), quando deveria utilizar o pronome *aquí*, isto é, o pronome referente ao uso próximo da pessoa que fala.

A concorrência de P2 e P4 se registra também nos dados em que há remissão anafórica, a segunda em termos de ocorrência nos *corpora*. Esse registro tem relação com a trajetória de gramaticalização advérbio > conector, uma vez que a função anafórica é considerada, na perspectiva teórica adotada e com base em resultados de pesquisa de gramaticalização, uma das motivações para a articulação de sentidos lógicos e consequente mudança categorial. Estamos nos referindo a contextos como os seguintes:

(35) Dom Gilvaz: Mas a galanteria é que todas as suas idéias redundam em nosso proveito.

Semicúpio: *Aí* é que está a filigrana do jogo, Fagundes a semear e nós a colher. (GAM, p.49 / P2 / Ana / séc. XVIII)

(36) Semicúpio: Lá vem a Sevadilha: ora, o certo é que donde a galinha tem os ovos *aí* se lhe vão os olhos. (GAM, p.63 / P2 / Ana / séc. XVIII)

Em (35), o personagem Semicúpio, por meio do locativo *aí*, retoma toda a fala do personagem Dom Gilvaz, por remissão anafórica. Em (36), o mesmo item retoma toda a declaração anterior, demonstrando como tal constituinte tem se distanciado da função adverbial em prol do papel de conector textual. Vale ressaltar ainda que, em ambos os dados, o locativo se encontra em P2.

Diferente situação ocorre em relação à remissão catafórica. Dos dez registros desse tipo de ocorrência, sete se encontram na posição P4, conforme os exemplos abaixo:

(37) Semicúpio: Rapaziadas. Ora, ande, vá-se *aí* para dentro e não faça outra: (GAM, p.72 / P4 / Cata / séc. XVIII)

(38) Vai *aí* fora e traz dois limões (JPR, p. 56 / P4 / Cata / séc. XIX)

(39) HELE NICE – Dr. Salim, o patrão da Joice está *aí* no portão! (ANR, p.505 / P4 / Cata / séc. XX)

Em todos os três casos, constatamos que as remissões catafóricas ocorrem em P4, pela necessidade de o emissor especificar o espaço mencionado, isto é, a referência locativa. Em (37) apresenta-se o especificador *para dentro*; em (38) o pronome busca a referência *fora*; e em (39) remete-se a *no portão*.

3.4. *Frame*: análise pragmática do locativo

A partir desse quarto fator, medimos o enquadramento da cláusula em que se articula o locativo *aí*, com vistas à verificação de uma das nossas hipóteses, segundo a qual o sentido espacial é atinente não só ao *aí*, mas está presente na cláusula como um todo, e, de outra parte, a referência não-espacial também se apresenta com um traço geral, partilhado pelo verbo e demais constituintes. A Tabela 4 registra quantitativamente os dados por nós levantados:

Foricidade	P1		P2		P3		P4		P5		Total	
	11	8,73%	40	31,74%	02	1,58%	68	53,96%	05	3,96%	126	100%
Espacial	11	8,73%	40	31,74%	02	1,58%	68	53,96%	05	3,96%	126	100%
Não-espacial	00	0%	26	31,32%	22	26,50%	33	39,75%	02	2,40%	83	100%
Total	11		66		24		101		07		209	

Tabela 4: *Frame* do locativo *aí* a partir da ordenação

Observa-se que, em relação ao pronome *aí*, há concorrência entre o *frame* espacial e não-espacial, com leve tendência aos sentidos espaciais. Consideramos que a maior frequência de

cláusulas de *frame* espacial deve-se ao gênero dos textos que nos servem de fonte, uma vez que peças teatrais são muito ancoradas na referência locativa. Nesse gênero, informações e referências a espaço físico são, via de regra, fundamentais para a caracterização e atuação dos personagens.

Uma das evidências desse traço é a grande ocorrência das UPF *aí vem* e *aí está*, que concorrem para anunciar e marcar, respectivamente, a movimentação dos personagens no espaço cênico. A seguir, apresentamos um exemplo de cada um dos *frames*, na retomada de dois exemplos já apresentados:

(30) Lazaro - De madrugada muito cedo. Até *abi* sei eu. (PB, p.56 / P2 / ATp/séc. XIX)

(31) CARLOS - Fugi do convento, e *aí* vêm eles atrás de mim. (Nov, p.7 / P2 / ATx / séc. XIX)

Revedo os fragmentos (30) e (31), observamos que no primeiro o *frame* é não-espacial, enquanto no segundo fragmento o enquadramento é espacial. Para chegarmos a tal classificação, valemo-nos dos traços semânticos verbais de *saber* e *vir*, respectivamente, bem como dos demais constituintes da cláusula em que se inserem. Devemos mencionar, contudo, que, em (31), é possível a consideração de certo hibridismo semântico-categorial, uma vez que *e aí* pode ser interpretado como sequenciador textual.

Com base nesses resultados, pudemos constatar que a “espacialidade” não é propriedade inerente ao locativo *aí* de modo específico ou exclusivo. Antes, constatamos que se trata de marca que perpassa todos os constituintes envolvidos no fragmento articulado. O *frame* tem a ver, assim, não só com os participantes da estrutura oracional (verbo e seus argumentos e adjuntos), como também guarda referência com a sequência maior, que diz respeito ao período como um todo. Esses resultados também ratificam que, ao pesquisar padrões de uso linguístico, é preciso levar em conta o contexto textual-discursivo de sua ocorrência, uma vez que esse ambiente concorre para a seleção, a frequência e o tipo de uso dos constituintes articulados.

Nossos resultados apontam que o *aí* espacial está inserido em fragmentos marcados por outras referências também espaciais; nesse caso, o locativo funciona como mais um dos concorrentes para a expressão desse sentido. De outra parte, o sentido temporal de *aí* e o textual-discursivo, ambos mais abstratizados, estão inseridos em sequências em que dividem e partilham essa abstratização com outros constituintes da tessitura textual.

4. Consideração finais

A partir do levantamento e da análise dos padrões de uso do locativo *aí* em textos dramaturgicos de três sincronias do português, do século XVIII a XX, podemos chegar a algumas tendências gerais que aqui destacamos.

A primeira delas diz respeito ao uso pós-verbal de *aí* ligado a sua prototípica função de circunstanciador espacial. Esse resultado vai ao encontro de uma série de pesquisas sobre ordenação adverbial que destacam tal posicionamento estrutural dos advérbios em geral como a ordem não-marcada para o português contemporâneo, conforme Martelotta (2006) e Oliveira (2008), entre outros.

Em termos de referência, o sentido físico virtual, relativo a espaço vago e impreciso, é a maior tendência de uso do locativo *aí*. Consideramos que esse resultado tem a ver com dois aspectos: um reside na segunda pessoa gramatical, que se encontra mais afastada do espaço em relação à primeira pessoa; outro fator diz respeito à tendência de *aí* para polissemia e gramaticalização, fazendo deste elemento candidato a articular de sentidos mais abstratos e assumir função conectora.

Com relação à foricidade e *frame*, entendemos que o padrão exofórico e o enquadramento espacial, tendências destes dois fatores, estão intimamente relacionados ao contexto discursivo trabalhado, conforme destacamos no final da seção anterior.

Assim, nossos resultados confirmam as hipóteses iniciais, segundo as quais, nos padrões de uso de *aí* atuam pressões de ordem estrutural e discursivo-pragmáticas. Consideramos que essa combinação de pressões deve ainda atuar na fixação de muitos outros usos linguísticos, no âmbito dos locativos de base pronominal. Assim, continua aberta uma vasta e instigante agenda de pesquisa em termos dos usos do português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARCELLOS, Rodrigo da Costa. *Pronomes locativos em textos de dramaturgia: uma análise funcionalista*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). Niterói: Instituto de Letras, 2011.
- BATORÉO, Hanna. *Expressão do espaço no português europeu: contributo psicolinguístico para o estudo da linguagem e cognição*. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.
- BYBEE, Joan. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- ENTREMEZES. Peças populares, retirado de [www.lettras.ufrj.br /phpb_rj](http://www.lettras.ufrj.br/phpb_rj)
- ERMAN, Britt; WARREN, Beatrice The idiom principle and the open choice principle. In: *Linguistic – an interdisciplinary journal of the language sciences*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, no. 2, 2000 (p. 29-62)
- FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.). *Linguística Funcional: Teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A/Faperj, 2003.
- GARRETT, Almeida. *Theatro: Falar verdade a mentir; As Prophecias do Bandarra e Camões do Rocio*. Lisboa, Empresa da Historia de Portugal - Sociedade Editora, 1904, retirado de www.ime.usp.br/~ticho/corpus
- HEINE, Bernd; KUTEVA, Tania. *The genesis of grammar: a reconstruction*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- HOPPER, Paul. On Some Principles of Grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs; HEINE, Bernd. (ed). *Approaches to Grammaticalization*. v. 1. Amsterdam: Philadelphia, 1991 (p. 17-36)
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Ordenação dos advérbios qualitativos em *_mente* no português escrito no Brasil nos séculos XVIII e XIX. IN: *Gragoatá*, vol. 21 – Usos linguísticos, 2006 (p. 11-26)
- OLIVEIRA, Mariangela Rios; AGUIAR, Milena Torres. A trajetória advérbio > clítico no uso dos pronomes *aí*, *ali*, *aqui* e *lá*. IN: OLIVEIRA, Mariangela Rios; ROSÁRIO, Ivo da Costa (org). *Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências*. Rio de Janeiro: Léo Christiano Editorial, 2009 (p. 142-152)
- OLIVEIRA, Mariangela Rios. Advérbios locativos no português escrito dos séculos XVIII, XIX – padrões de uso e mudança gramatical. IN: LIMA-HERNANDES, Maria Célia et alii (org). *A língua portuguesa no mundo*. São Paulo: EDUSP, 2008 (19 p.)
- PAIVA, Maria da Conceição. Proformas adverbiais e encadeamento dêitico. IN: RONCARATI, Claudia; ABRAÇADO, Jussara (org). *Português brasileiro – contato linguístico, heterogeneidade e história*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003 (p. 132-143)
- PENA, Martins. *O Noviço*. Texto inédito do fim do século XVI ou começo do XV. Edição crítica com anotações e glossário. São Paulo, 1999.
- RODRIGUES, Nelson. (1912 - 1980) *Teatro Completo: Vestido de noiva (1943); Viúva, porém honesta (1957) e Anti-Nelson Rodrigues (1973)*. RJ, Ed. Nova Aguilar, 2003.
- SANT'ANNA, Sérgio. *Um Romance de Geração (1980)*. SP, Companhia das Letras, 2009. 95pp.
- SILVA, Antônio José. *A vida de Esopo e Guerras do alecrim e da manjerona*. [s.l.]: Ediouro, [19--]. (p. 92-169) retirado de www.ime.usp.br/~ticho/corpus
- TAVARES, Maria Alice. Metáfora e metonímia em processos de gramaticalização: o caso de “*aí*” marcador de especificidade. In: *Gragoatá*, vol. 26 – Metáfora: o cotidiano e o inaugural, 2009 (p. 103-120)

_____. *A gramaticalização de e, aí, daí e então: estratificação/variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística), Florianópolis: UFSC, 2003.

_____. *Um estudo variacionista de Aí, Daí, Então e E como conectores sequenciadores retroativo-propulsores na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística) Florianópolis: UFSC, 1999.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. 2008. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARD, R. et alii (eds) *Variation, Selection, Development-- Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008 (p. 219-250)

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth-Closs; HEINE, Bernd. *Approaches to Grammaticalization: Focus on Theoretical and Methodological Issues*. Amsterdam: John Benjamins. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 2003.